

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA-LICENCIATURA**

DAIANE DO NASCIMENTO KNEVITZ

**Planejamento docente: uma ferramenta
motivacional discente**

**Três Cachoeiras
Dezembro
2010**

DAIANE DO NASCIMENTO KNEVITZ

**Trabalho de Conclusão apresentado à
Comissão de Graduação do Curso de
Pedagogia- Licenciatura, da Faculdade de
Educação da Universidade Federal do Rio
Grande do Sul, como requisito parcial e
obrigatório para obtenção do título
Licenciatura em Pedagogia.**

Orientadora: Prof. Dr. (a) Ivany de Souza

Tutora: Márcia Caetano

**Três Cachoeiras
Dezembro
2010**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Prof. Carlos Alexandre Netto

Vice-Reitor: Prof. Rui Vicente Oppermann

Pró-Reitor de Pós-Graduação: Prof. Aldo Bolten Lucion

Diretora Faculdade de Educação: Prof. Johannes Doll

Coordenadoras do Curso de Graduação em Pedagogia – Licenciatura na modalidade a distância/PEAD: Prof. (as) Rosane Aragón de Nevado e Marie Jane Soares Carvalho

A dedicatória deste trabalho pertence àquelas pessoas que estiveram sempre ao meu lado, e que em nenhum momento me deixaram desistir em meio às dificuldades. Ao meu pai Very, sempre me incentivando, a minha mãe Ivone, alicerce da minha estrutura, os meus irmãos Gesiel e Cristiane por estarem sempre comigo, ao meu marido Lindones que esteve sempre unido a mim, e ao meu filho Samuel que tem me dado sentido à vida e a conquistar meus objetivos.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus por me guiar em meus caminhos, e dar força para continuar lutando, tendo a convicção de que sempre, melhores dias virão.

Em poucas, mas sinceras palavras eu gostaria de agradecer às pessoas que estiveram ao meu lado no decorrer de minha formação como pessoa e como profissional, bem como a Universidade Federal do Rio Grande do Sul, pela oportunidade concedida de ter a formação em Licenciatura Pedagogia em Séries Iniciais.

Aos meus pais, agradeço pela minha formação como pessoa, e pela estrutura familiar que a mim foi alcançada.

Aos meus irmãos por sempre estarem comigo e carinhosamente me aconselhando.

Ao meu filho por me ensinar algo antes inimaginável e maravilhoso: “ser mãe”.

Ao meu marido, por compartilhar todos os momentos da minha vida, me compreendendo, incentivando e respeitando minhas decisões.

A professora Mariejane por me apoiar e incentivar a continuar lutando por meus ideais na busca de minha formação docente.

A professora Ivany e tutora Márcia Caetano por me orientarem nos meus trabalhos conclusivos, desde o Estágio até o TCC, me apoiando e tranquilizando nos momentos difíceis.

Aos alunos do 3º Ano que fiz o estágio, agradeço por me possibilitarem a construção de aprendizagens muito valiosas para minhas práticas pedagógicas, e por se mostrarem crianças cada uma na sua individualidade, maravilhosas.

"Ai daqueles que pararem com sua capacidade de sonhar, de invejar sua coragem de anunciar e denunciar. Ai daqueles que, em lugar de visitar de vez em quando o amanhã pelo profundo engajamento com o hoje, com o aqui e o agora, se atrelarem a um passado de exploração e de rotina."

(Paulo Freire)

RESUMO

O presente trabalho surgiu de uma inquietação que tive durante o estágio curricular com alunos do 3º Ano do Ensino Fundamental, em querer saber “**Como a prática pedagógica pode ser definidora das respostas dos alunos?**”, quanto ao interesse, participação e motivação discente aliados à prática docente. Esta inquietação sobre prática pedagógica impulsionou-me a estudar e trazer evidências a partir do estágio, com observações, vivências e interações em aula, intermediados por dezoito alunos da minha turma. Nesse sentido, apoiei minhas idéias e constatações em Paulo Freire e Claudino Piletti, de forma que pudesse refletir sobre minhas práticas pedagógicas, dentre outros autores como Dayrel, Fusari, Ferreira, Gandin, Libâneo, Moreira, Rodrigues, Hamashek. Em meio ao estágio, foram muitos momentos marcantes para que pudesse refletir sobre a melhor forma de obter a atenção e o entusiasmo do aluno, bem como necessitando planejar e re-planejar ao longo das aulas. Por isso, ao término deste trabalho, considerando a pesquisa de campo elaborada durante o estágio, cujo objetivo se fundamentou em responder a pergunta norteadora, como resultado concluiu-se que o interesse e entusiasmo do aluno estão diretamente ligados à ação do professor frente aos trabalhos planejados.

Palavras Chave: Planejamento, Práticas pedagógicas, Motivação discente.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	9
2 O QUE É PLANEJAMENTO?	12
3 PLANEJAMENTO E PRÁTICA PEDAGÓGICA: SUAS LIGAÇÕES.....	18
4 A INFLUÊNCIA DA PRÁTICA PEDAGÓGICA NA MOTIVAÇÃO DO ALUNO	21
4.1 OS REFLEXOS DA RELAÇÃO PROFESSOR X ALUNO.....	24
5 ESTÁGIO CURRICULAR: UMA EXPERIÊNCIA SIGNIFICATIVA	27
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
REFERÊNCIAS	34
ANEXOS	35

1 INTRODUÇÃO

A prática pedagógica tem sido motivo de grande reflexão pelo público docente. E, tão importante quanto o planejamento pedagógico, em mesmo nível também está à ação do professor frente aos desafios de todos os dias planejar e pôr na prática, obtendo o interesse, a participação e o entusiasmo do aluno.

Além de ensinar, o objetivo de todo educador é tornar seu aluno independente, autônomo, cidadão. Nesse sentido, a prática em sala de aula torna-se imprescindível que seja abordada de forma interativa e participativa, com alunos felizes com a aula, com o professor, enfim, com este ambiente diário.

Nas palavras de LIBÂNEO (1985, p. 67), faço também o lema deste trabalho, conforme descrito abaixo.

O que um aluno é depende daquilo que o meio social permite que ele seja. A ação pedagógica pressupõe, portanto, a compreensão do significado social de cada comportamento, no conjunto das condições de existência em que ocorre.

A auto-reflexão docente sobre as práticas pedagógicas faz parte de um fazer e re-fazer, envolvendo o planejamento, sempre com um intuito de estar o mais próximo da realidade e do interesse do aluno.

Nesse sentido, a reflexão sobre a prática faz parte de um processo saudável, em que professor e aluno saem ganhando. O professor ao refletir sobre sua prática, procura melhores formas de pôr em prática seu planejamento. O achado de melhores formas de abordar os conteúdos em sala de aula faz parte de uma pesquisa, em que explica MOREIRA (1990, p. 89).

(...) pesquisar em ensino é sobretudo refletir criticamente sobre a prática docente. E quem está habilitado a fazer isto senão o professor? Qualquer profissional consciente deve constantemente refletir sobre sua a sua prática. Professores ao pesquisar, estão refletindo sobre a prática de ensinar.

Para GÓMEZ (1992, p. 105), também a reflexão sobre a prática de ensino tem sua importância.

A reflexão sobre a ação e sobre a reflexão-na-ação (...) pode considerar-se como a análise que o indivíduo realiza a posteriori sobre as características e processos de sua própria ação. É a utilização do conhecimento para descrever, analisar e avaliar os vestígios deixados na memória por intervenções anteriores.

No momento em que o professor reflete sobre a sua prática, também deve também pensar sobre os objetivos traçados e não alcançados, bem como maneiras de conciliar o conhecimento que se quer trabalhar com a motivação do aluno em quem quer aprender o que o professor está propondo.

A prática docente pode interferir no comportamento do aluno em sala de aula, que pode ser de uma forma colaborativa ou prejudicial, possibilitando ou impossibilitando um ambiente sadio e perpetuador de aprendizagens. Em HAMACHEK (1979, p. 147), obtêm-se a contribuição sobre ambiente sadio e não sadio.

Mesmo se o self do aluno foi nutrido numa atmosfera sadia no lar, um professor que é frio, rejeitador e emocionalmente distante, pode interferir no processo de desenvolvimento que, em caso contrário, seria sadio.

No entanto, se o lar do aluno não estiver harmonioso, este pode ser percebido em sala de aula. Quando o aluno não estiver interessado pela aula, distante, desestimulado, e a aula estiver a todo vapor, interessante, cabe ao professor descobrir a origem de tal desmotivação. Portanto, conhecer a realidade do aluno torna-se algo imprescindível.

Mas em primeiro lugar, frente à desmotivação, desinteresse e a não participação discente, o educador deve ter a sensibilidade de perceber em seu planejamento algumas inconveniências, como não se perguntar: “o que se pretende alcançar com”, “em que tempo”, “como conseguir o que se pretende”, “quais recursos”, “como perceber se os objetivos foram alcançados”. Uma possível desorganização do planejamento pode transmitir insegurança aos alunos, e isto possibilitar o desinteresse dos alunos.

A existência de motivação, interesse, participação do aluno em muito está condicionado à prática docente, enquanto que a inexistência desses três quesitos também pode estar condicionada à ação docente.

Portanto, este trabalho aborda o tema: **Como a prática pedagógica pode ser definidor das respostas dos alunos**, envolvendo os conceitos: prática pedagógica, motivação e interesse discente; divididos em cinco capítulos:

- Segundo capítulo: Aborda a questão do planejamento e suas significações no âmbito escolar.

- Terceiro capítulo: as ligações entre planejamento e a prática discente.
- Quarto capítulo: Este menciona a influencia da prática docente no interesse discente, com subtítulo os reflexos da relação professor e aluno.
- Quinto capítulo: o estágio como precursor da reflexão sobre minha prática pedagógica.

Para fundamentar este trabalho procurei referencias em Freire, Piletti, Dayrel, Fusari, Ferreira, Gandin, Libâneo, Moreira, Rodrigues, Hamashek, refletindo sobre os conceitos do tema escolhido.

Este trabalho formalizou-se numa pesquisa qualitativa, utilizando como campo possibilitador de estudos e descobertas o estágio desenvolvido com alunos do 3º Ano do Ensino Fundamental de nove anos, numa interação diária perpetuadora de aprendizagens. Tal pesquisa utiliza-se de uma descrição cotidiana individual registrada em ambiente virtual, de minha autoria com endereço em: <http://daianeestagio.pbworks.com/w/page/25014392/FrontPage>. O campo de pesquisa não esteve subordinado apenas à sala de aula, mas também fora dela.

2 O QUE É PLANEJAMENTO?

Ao pensar em planejamento, se faz necessário recorrer ao dicionário Aurélio (2009) e obter significado da palavra “Planejamento”. Afinal, o que realmente significa planejamento? Após consultar o dicionário, obtive a seguinte resposta:

S.m. 1. Ato ou efeito de planejar. 2. Trabalho de preparação para qualquer empreendimento, segundo roteiro e métodos determinados: O planejamento de um livro, de uma comemoração. 3. Processo que leva ao estabelecimento de um conjunto coordenando de ações (pelo governo, pela direção de uma empresa, etc) visando à execução de determinados objetivos. 4, Elaboração de planos ou programas governamentais, especialmente na área econômica e social: Ministério do Planejamento. (FERREIRA- 2009-p. 1575)

Percebe-se que segundo o conceito encontrado no Dicionário Aurélio (2009), planejamento significa preparação de qualquer empreendimento. Sendo que uma das respostas seria de que a preparação do material é uma forma organizacional, com objetivos, sejam eles, economizar tempo, material, ou objetivos focados na organização pedagógica. Mas o que encontramos como significado de planejamento numa dimensão pedagógica? Como pensar em modo de planejamento de aulas quando o foco é o interesse do aluno? Na busca de respostas para estes questionamentos, percebo que em minha prática pedagógica poder-se - á achá-las.

Diante da experiência em sala de aula, muitas vezes me deparei com a realidade pedagógica, que anteriormente tinha consciência apenas por meio de teorias, desconhecendo que planejamento deve ser algo elaborado com finalidade, objetivando alcançar metas de aprendizagem.

Segundo Freire (1996), ensinar requer perceber a realidade, pois quando se ensina para aprender, também se aprende a ensinar. Neste sentido, foquei no sentido de descobrir a realidade em que meus alunos estavam inseridos, a fim de descobrir uma maneira adequada de ensinar, me educando.

Ao mesmo tempo em que ensinar requer respeitar os conteúdos já estipulados para quem se ensinam, os alunos deverão ter em suas aprendizagens uma lista de conteúdos nas áreas de conhecimento, próprios para o seu Ano, sempre visado pela Escola por meio do Projeto Político pedagógico (PPP).

Para Piletti (1995), são quatro as etapas de planejamento em torno do ensino que são: conhecer a realidade do educando, elaborar o plano, executar o plano e, em quarta colocação, mas não menos importante, fazer a avaliação e aperfeiçoar o plano.

Diante das considerações de Piletti (1995), na quarta colocação de se deve fazer a avaliação e aperfeiçoar o plano, pois, por mais que se planeje uma aula, o percentual de aprendizagem, participação e interesse do aluno, nem sempre serão completos, cabe ao professor refletir sobre sua atuação e objetivos que ele mesmo traça.

Considero muito importante que a realidade do educando seja observada, para que o planejamento possa ser visto como algo concreto mediante a necessidade educacional e interesse do educando.

Ainda segundo Piletti (1995), consta que um planejamento de Ensino deve prever objetivos específicos, conhecimentos adquiridos pelo educando em conformidade com o objetivo traçado, bem como técnicas e recursos que estimulem a aprendizagem e formas de avaliação que possa verificar se os objetivos foram alcançados.

Assim, ensinar não se trata de algo isolado, mas que necessita de planejamento e objetivos. Em outras palavras, ensinar é também saber se aquilo que for proposto como ensino ao aluno resultou em aprendizagem para ele.

Nesse sentido, planejar é fazer considerações sobre a melhor maneira de envolver o aluno, obtendo participação, envolvimento, mas cabe considerar se existe um melhor modo de planejar uma aula, ou simplesmente existe o “planejar uma aula”.

Durante o estágio, percebi que planejar é essencial para que uma aula possa se desenvolver dentro do que se espera, com alunos envolvidos, participantes, interessados pelo que se está sendo proposto.

O planejamento também não é algo que se possa fazer de uma hora para outra, pois requer reflexão por parte de quem planeja. Reflexões essas que se iniciam desde o momento em que se planeja algo, o que, para quê, para quem, como, quando, em que tempo, até perceber que se os objetivos foram ou não, atingidos.

Pode se dizer que há uma diferenciação entre tempo de ensino e tempo de construção de aprendizagem dos alunos, pois estes nem sempre se dão do

mesmo momento, fazendo com que o planejamento não seja colocado na prática no tempo pré-estipulado.

Enfim, planejar aulas implica refletir sobre a realidade em que o educando está inserido na sociedade, bem como colocar metas de aprendizagem a serem alcançadas. Utilizar estratégias de ensino adequadas ao interesse do educando, sem esquecer do real sentido e da necessidade de que o educando aprenda isto ou aquilo.

Algumas diferenciações quanto ao modo de planejamento possibilitam obter maior envolvimento dos alunos e conseqüentemente maiores aprendizagens, não como via de regra, mas no meu entendimento como maiores habilidades.

Para Piaget (1982) o indivíduo aprende interagindo com o meio, enquanto Piletti (1995) reflete a aprendizagem como algo que deve ser provocado no aluno, que pelo meu entendimento concorda com a idéia de interação entre o indivíduo e o meio.

O professor, ao organizar as condições externas favoráveis à aprendizagem, utiliza meios ou modos organizados de ação, conhecidos como técnicas de ensino. As técnicas de ensino são maneiras particulares de provocar a atividade dos alunos no processo de aprendizagem. (Piletti-1995, Pág. 67)

No parágrafo acima referido, o autor utiliza o termo modo de organização. Mediante a afirmação sobre as técnicas de ensino, no planejamento não é diferente. Quando se planeja, o faz para alguém, de quem se espera uma resposta positiva, que pode ser o envolvimento e participação do aluno.

Durante o estágio curricular, percebi primeiramente que sem planejamento adequado a realidade dos meus alunos, eu não conseguiria um trabalho que colaborasse com a formação de cada um deles. Em seguida, também percebi que sem objetivos de nada adiantaria meu esforço em ensinar, se os alunos não estivessem receptivos e prontos em me ouvir e se envolver na proposta de ensino planejada para eles e que meus objetivos precisavam focar tais necessidades.

Foi então que, comecei refletir sobre as aulas que havia planejado para os alunos, se estariam de acordo com a realidade dos alunos e estaria indo ao encontro das necessidades do ano letivo.

Muitas vezes o educador começa a refletir sobre o motivo pelo qual o aluno não está participativo, ou ainda, está desatento e desestimulado. A razão

deste desestímulo pode estar diretamente ligada ao planejamento elaborado pelo professor.

Conforme Piletti (1995), o planejamento deve considerar as necessidades e realidade do educando, podendo ser modificado conforme as necessidades de forma sucinta e objetiva, observando tempo, local e recursos.

A importância de se elaborar um planejamento de ensino é de que possibilita a inexistência de rotina e improvisação. Muito embora, a improvisação possa acompanhar o professor no dia-a-dia, já que tanto o educador como alunos são atores em busca de conhecimento e a sala de aula é o palco, não deve ser algo rotineiro.

Do mesmo modo, a rotina em sala de aula faz com que o aluno perca o entusiasmo e a motivação de querer aprender. Porém, não se deve confundir rotina, com atividades isoladas. Cabe ao professor trabalhar com a interdisciplinaridade. Existe a possibilidade de se trabalhar algumas áreas de conhecimento em apenas um planejamento de uma atividade ou de um projeto, sem que o aluno perca o interesse.

No momento em que o professor baseia seu planejamento de uma forma interdisciplinar, reconhece que a educação está conectada à vivência do aluno na sociedade, e que esta também não se dá em partes isoladas.

A criança não aprende por aprender, mas diante das experiências que ela vive no meio que está inserida, assimilando e acomodando suas aprendizagens. Não aprende isoladamente. Não adianta a criança estudar sobre partes de uma planta, sem que ela saiba que as partes unidas formam uma planta. Provavelmente o interesse do aluno não seria o mesmo se ele não soubesse em que aplicar o que aprende.

O modo de planejar uma aula pode ser estimulante em relação à aprendizagem quando existe o entusiasmo do aluno, ou devastador, quando o mesmo não possui curiosidade ou interesse em querer aprender o que o professor tem a ensinar.

Por entusiasmo, considero quando existe interesse do aluno em participar, dialogar, interagir com a proposta pedagógica. Ao contrário percebi em minhas experiências de estágio que quando o aluno não está interessado pela aula, fica um pouco desatento, começa a conversar mais com os colegas sobre outros assuntos não ligados à aula.

Uma aula que é planejada diante da curiosidade e interesse do aluno se torna satisfatória, pois existe uma disponibilidade de atenção e dialogicidade. Segundo Freire (1996), para ensinar necessita-se estar disponível ao diálogo. Enfim, o diálogo nada mais é do que a interação entre pessoas em que é possível trocar informações, reformular idéias.

Algumas considerações sobre realidade x interesse do aluno são necessárias serem feitas. A realidade do aluno pode estar diretamente ligada ao seu interesse, pois ele precisa criar nexos entre o que ele aprende e o que ele vive. Um exemplo é que se deve ensinar como conteúdo o País, sem que antes o aluno possa saber sobre o lugar onde ele vive, caso contrário ele poderá pensar que o país onde ele nasceu é tão longe, que poderia estar localizado no estrangeiro.

Mas, planejar não algo tão fácil, pois requer determinação e envolvimento por parte de quem planeja. Planejar não deve ser uma mera formalidade de ser professor. Este tempo dispensado para elaboração do plano de aula, que requer disponibilidade por parte do educador, em longo prazo possibilita avanços e ganho de tempo. A explicação está na organização, seja dos conteúdos ou dos objetivos, e conseqüentemente no final de cada trimestre, o processo avaliativo não será nada assustador, pois este aconteceu desde o princípio.

O planejamento deve ser visto como um plano de ação. Nesse sentido Gandin (1985, pág. 19) colabora com a afirmação de que:

- a. No planejamento temos em vista a ação, isto é, temos consciência de que a elaboração é apenas um dos aspectos do processo e que há necessidade da existência do aspecto execução e do aspecto avaliação;
- b. No planejamento temos em mente que sua função é a de tornar clara e precisa a ação, de organizar o que fazemos, de sintonizar idéias, realidade e recursos para tornar mais eficiente nossa ação;
- c. Temos como definitiva e em vivência a idéia de que todo o autoritarismo é pernicioso e que todas as pessoas que compõe o grupo devem participar (mais ou menos, de uma forma ou de outra) de todas as etapas, aspectos ou momentos do processo.

Em outras palavras, o autor afirma que ao se planejar deve-se ter em mente a prática e a forma avaliativa que se dará este processo, tornando eficaz a ação, ao mesmo tempo em que isto não deve ser imposto às pessoas envolvidas. A participação se torna indispensável de todos os envolvidos nesse processo.

Enfim, o discente deve tomar postura democrática, percebendo as mudanças que deve haver desde o ato de planejar até a prática, discutindo, refletindo e ouvindo os envolvidos e interessados pelo planejamento.

3 PLANEJAMENTO E PRÁTICA PEDAGÓGICA: SUAS LIGAÇÕES

Neste capítulo pretende-se refletir sobre Planejamento e Prática Pedagógica.

O planejamento traz consigo os objetivos que devem ser alcançados. Porém, para se alcançar os objetivos existem meios de execução para que isto ocorra, e a isto utilizamos o nome de recursos de ensino, que nada mais são do que estratégias para o ensino.

Segundo Piletti (1995, p. 154),

Ao selecionar um recurso de ensino deve-se ter em vista os objetivos a serem alcançados. Nunca se deve utilizar um recurso de ensino só porque está na moda.

Mais uma vez percebe-se que, planejamento e prática devem estar unidos. Assim como não se planeja apenas por fazê-lo, mas por almejar o alcance dos objetivos, também a utilização de recursos na prática de ensino de ser observada de igual forma.

A prática pedagógica deve ser observada tão seriamente como o planejar. Assim como o planejamento se torna sem fundamento se não for colocado na prática, também a prática que não obedece a um planejamento se torna vazia.

Diante de algumas vivências que tive, percebi que um planejamento por mais simples que seja e que busca conhecer a realidade do aluno, quando colocado na prática, esta deve ter algo diferenciador, de modo que motive o aluno a se envolver pela aula, obtendo interesse e participação.

Muitas vezes, o educador poderá fazer um planejamento de aula, e poderá dizer: "Isto está muito bom!", mas é na prática que tal dizer poderá se afirmar ou retroceder na sua afirmativa.

Nesse sentido, o deverá ser refletido sobre estratégias a serem utilizadas e recursos disponíveis para que na prática os objetivos sejam alcançados. O educador deve sempre estar aberto a mudanças: Mudar o planejamento diante da necessidade e realidade do educando, mudar a prática pedagógica, quando esta não suscita o interesse do educando.

Na obra *Pedagogia da Autonomia*, Freire (1995) nos revela que ensinar também é convencer a nós mesmos que é possível mudança.

Diante da prática, enquanto professores, estamos a toda hora mudando, o ato de planejar, ou mesma a própria prática. Não existe uma receita única para todos os alunos, ou todas as turmas de alunos. Se cada aluno é único e exclusivo, imaginarmos uma turma com vários alunos únicos e exclusivos, e apenas um professor, provendo meios, de alcançar o interesse e logo, a aprendizagem de cada um deles, é tarefa não simples.

Tais concepções de ensino e de aprendizagem são possíveis de serem assimiladas quando o planejamento fora colocado na prática.

Por acreditar na troca de experiências e também na interação entre professores, algumas vezes indaguei alguns colegas, colocando minhas experiências em sala de aula e pedindo auxílio para os casos que estava vivenciando com alguns alunos. Após ter recebido algumas dicas, percebi que, quem estava experimentando os alunos e convivendo com eles seria justamente “eu”.

Quando se percebe que para ensinar, o educador deve conhecer a realidade do aluno, também deve considerar não uma realidade distante, mas a do dia-a-dia numa interação com o aluno, ouvindo-o, é possível conhecer a sua realidade. Se o educador não deixar o aluno se expressar, e possuir uma forma de ensinar não intermediada pelo diálogo, como conhecerá o educando.

Mas afinal, como planejamento e prática estão interligados? Segundo Libâneo (1997-1998, p. 225), segue que:

O planejamento não assegura por si só, o andamento do processo de ensino. Mesmo porque a sua elaboração está em função da direção, organização e coordenação do ensino. É preciso, pois, que os planos estejam continuamente ligados à prática, de modo que sempre sejam revistos e refeitos.

Cada nova aula planejada, esta deve ser em consonância com a aula anterior, para que de forma reflexiva, o professor possa perceber o que deu e o que não deu certo. Podendo se perguntar então “O que não deu certo?”, “O que eu posso mudar?”.

Diante disso, a revisão da prática pedagógica se faz necessário.

Se a prática de ensino está muito aquém do que foi planejado, pouco terá validade o planejamento, já que ao chegar ao ponto culminante do ensino, não se chegar ao aprendizado do aluno.

Com relação às três instâncias do planejar, poderíamos apontar três áreas, que são Plano da Escola constituindo-se pela ligação entre PPP e o Plano de Ensino com objetivos e conteúdos e o seu desenrolar, e o Plano de Aula que é o desenvolvimento do conteúdo para uma aula ou mais. Existe entre Plano da Escola, Plano de Ensino e Plano de aula, uma sistemática em que, um plano não subsiste sem o outro, definidos por Libâneo (1987-88, p. 225) como:

O plano da escola é um documento mais global; expressa orientações gerais que sintetizam, de um lado, as ligações da escola com o sistema escolar e de outro, as ligações do projeto pedagógico da escola com os planos de em si propriamente ditos. O plano de ensino (ou plano de unidades) é a previsão dos objetivos e tarefas de trabalho docente para um ano ou semestre; é um documento mais elaborado, dividido por unidades seqüenciais, no qual aparecem objetivos específicos, conteúdos e desenvolvimento metodológico. O plano de aula é a previsão do desenvolvimento do conteúdo para uma aula ou conjunto de aulas e tem caráter bastante específico.

O plano da escola se define em adequar os objetivos propostos pela educação a nível nacional e adequá-las a realidade da escola. Nesse sentido, os planos nas três áreas já mencionadas, visam a organização da escola que recaem sobre o planejamento.

Quanto à prática pedagógica vinculado ao planejamento, esta deve ser flexível e objetiva, em permitir que o plano da escola esteja no planejamento discente, ao ponto de que os planos de aula sejam vulneráveis a mudanças de acordo com a necessidade do educando.

Segundo Libâneo (1987-1988, p. 229), é indispensável:

saber em que pé estão os alunos (suas experiências, conhecimentos anteriores, habilidades e hábitos de estudo, nível de desenvolvimento) é medida indispensável para introdução de conhecimentos novos e portanto, para o êxito de que se planeja.

O autor apresenta uma certeza de que sem saber a realidade do educando, não se consegue desenvolver novos conteúdos, já que também se desconhece o ponto de partida do ensino e das possíveis aprendizagens.

Nesse sentido, planejar é saber que o previsto deve ser flexível, diante das possíveis mudanças que podem ocorrer, mediante as reflexões do educador por meio da prática em sala de aula.

4 A INFLUÊNCIA DA PRÁTICA PEDAGÓGICA NA MOTIVAÇÃO DO ALUNO

O professor tem uma função extremamente importante na formação discente, pois além de ser intermediador do conhecimento, ao mesmo tempo deve o estimular a se envolver na construção de aprendizagem.

Diante das considerações sobre estímulo, Piletti (1995, p. 236) contribui quanto à motivação.

Motivar os alunos não é tarefa fácil. Muitas vezes o professor conhece as teorias e técnicas de motivação da aprendizagem mas, ele próprio não está motivado para ensinar. Os alunos percebem esta desmotivação e, apesar das técnicas e dos métodos de ensino utilizados, não demonstram maior entusiasmo pela matéria.

O autor apresenta a motivação como algo extremamente importante, e que sem este, de pouco adianta as técnicas e métodos de ensino.

Considerando esta colaboração que Piletti (1995), entendo que não somente o aluno deve estar motivado a aprender, mas também o professor ao ensinar. Sem estímulo, o profissional discente se acomoda, tornado sua prática fria, e conseqüentemente resfriando os demais, que na verdade são seus próprios alunos.

Para ensinar, o professor ator “de teatro”, que pretendo explicar porque, deve sentir o ápice, a temperatura dos seus alunos. Ao referir-me “professor ator de teatro”, pretendo distinguir do “professor ator de novela”. Acredito que o ator de teatro sente a vibração do público na atuação, mesmo havendo improvisação. O ator de novela não pode acompanhar instantaneamente como sua apresentação envolve quem assiste, já que existe um elo imenso que é a televisão.

Considerando o professor ator, sujeito a improvisação, deve-se lembrar que um professor organizado, que planeja, também serve de estímulo aos discentes já que o tempo de aula fica bem utilizado. O tempo ocioso em sala de aula, muitas vezes e não como via de regra, possibilita aos alunos se envolver com assuntos extras curriculares e que de nenhuma forma poderá ser utilizado em aula.

A justificativa acima sobre tempo ocioso, se faz pelo motivo de reconhecer que muitos Projetos de Aprendizagem surgem quando não existe uma exigência do professor em chegar a um determinado lugar, mas abre-se um espaço em aula para

os alunos criarem, conversarem, com a intermediação discente. Muitas vezes de uma curiosidade de um aluno, abre-se um leque de oportunidades para desenvolver um projeto.

Somente é possível se obter a participação do aluno se ele estiver estimulado a interagir. Portanto, é imprescindível que o professor conheça seu aluno, para que possa distinguir se a ausência de motivação e entusiasmo de dá pela aula desinteressante ao seu olhar, ou, se existe algum impedimento extra-classe como problemas domiciliares, problemas de saúde.

Por experiência própria, certa vez observando um aluno e sua falta de interesse pela atividade proposta, na interação professor x aluno percebi que seu desestímulo partia de sua convivência fora do ambiente escolar, influenciando-o a tal ponto que perdesse temporariamente a vontade de estudar.

A influência da prática do professor deve ser marcante, estimulante, para que em tempo de aula, nada mais seja tão importante quanto estudar. Neste sentido, reconhecer que a prática pedagógica que utiliza de recursos repetitivos, não torna a ação docente marcante, mas sim cansativa, podendo fazer o aluno ficar cansado e desestimulado pela aula.

O profissional docente, também é um experimentador de maneiras e recursos que melhor se encaixam nas necessidades e interesse dos alunos, na tentativa de deixar as aulas menos cansativas e mais estimulantes. Mas, tamanha experimentação não deve trazer prejuízo ao educando. Portanto, todo planejamento para se pôr na prática, sempre é bem vindo.

As considerações de FUSARI (2008) abaixo mencionada, sobre o planejamento na prática de ensino, tratam da improvisação como algo eventual e não rotineiro.

A ausência de um processo de planejamento de ensino nas escolas, aliado às demais dificuldades enfrentadas pelos docentes do seu trabalho, tem levado a uma profunda improvisação pedagógica das aulas. (FUSARI-2008, p. 47)

Mais uma vez clareia-se a idéia de que se uma aula não estiver bem planejada, visando objetivos, o professor poderá perder-se em seu trabalho, e não concluindo de uma maneira adequada, também não propiciando um ambiente que estimule o discente interagir com a sua proposta pedagógica.

Repensando a prática pedagógica como instrumento mobilizador de motivação, retorno em minhas lembranças aos sete anos de idade, e posso ligá-las á algo doce, gostoso, como um “sonho”. Em nenhum momento poderia perder uma aula, pois seria algo horrível ter que passar um dia sem ir à escola. Com estas lembranças, não posso esquecer da professora que me fazia sonhar em meio à aula, de forma que eu sempre estivesse motivada a querer estudar.

O aluno das séries iniciais, de nenhuma forma poderá lembrar da escola, da sala de aula e esquecer do professor. Refiro-me ao aluno das Séries Iniciais, pois se trata de quem estou tendo maior contato e é instrumento desta pesquisa.

A presença do educador em sala de aula é muito forte. O aluno quando pequeno, dificilmente questiona ou coloca em dúvida o que o professor diz, muito embora exista todo um trabalho discente de intermediação e autonomia docente para que ele próprio possa refletir sobre suas convicções. Conforme Piletti (1995, p. 234) “Os recursos didáticos, os procedimentos de ensino, o conteúdo, as atividades práticas e exercícios são valiosas fontes de incentivo. A maior fonte, no entanto é a personalidade do professor”.

A interação professor x aluno deve servir de instrumento de conquista de espaços almejados, propícios a aulas estimulantes, lúdicas, com um ambiente acolhedor.

O espaço da sala de aula deve ser um local que permite aos alunos estarem em situação de igual para igual com seu colega, preferencialmente em círculo, onde não exista um aluno atrás do outro. Esta maneira de compor as classes em sala de aula, coopera na formação do aluno enquanto cidadão, em que sua participação é tão importante quanto a do colega.

A participação de cada aluno em aula é tão importante, que o educador deve estabelecer meios para que todos tenham a sua vez, não deixando nenhum educando sem oportunidade, caso contrário, também possibilita a desmotivação discente.

Ser professor é estar sempre atuante, na procura de meios e métodos que favoreçam formar o aluno autônomo, capaz de pensar sozinho, mas nunca deixá-lo só, sem resposta, nem que a resposta seja “vamos descobrir juntos”.

4.1 OS REFLEXOS DA RELAÇÃO PROFESSOR X ALUNO

A relação professor aluno deve ser fundamentada no amor. O amor é a forma mais significativa de demonstrar os demais sentimentos, de gratidão, de amizade, de tolerância, entre tantos outros. O autor Paulo Freire (1996) nos orienta que para ensinar devemos gostar dos nossos alunos.

Os alunos, mais precisamente os das Séries Iniciais, como pude presenciar com a minha turma de estágio do 3º Ano, depositam no professor confiança e sentimentos de amizade e abrigo. A maneira que o aluno possui de demonstrar estes sentimentos são sempre querer estar perto e disputar às vezes a mão da professora durante uma caminhada, ficar ofertando sempre algum mimo na hora do recreio, como a própria merenda, por exemplo.

Tenho a consciência de ser assim, fraterno, o sentimento do aluno para com o professor, como eu propriamente vivenciei isto, sem que alguém tenha me relatado. A visão do querer bem do professor para com o aluno deve ser semelhante o sentimento do aluno para o professor.

Pode existir, no entanto, um equívoco por parte do professor de pensar que se chegar à sala de aula sorrindo, os alunos “já vão tomando conta”. Nas palavras de FREIRE (1996, p. 160), “O que não posso obviamente permitir é que minha afetividade interfira no cumprimento ético de meu dever de professor no exercício de minha autoridade”.

Não devemos confundir autoritarismo com autoridade em sala de aula. Existe uma disparidade entre líder democrático e líder autoritário. Para Piletti, o líder democrático considera que “Tudo o que for feito será objeto de discussão e de decisão da turma” e ainda, segundo o mesmo autor, líder autoritário estabelece que “Tudo o que deve ser feito é determinado pelo líder”. Ou seja, ensinar é colocar de uma forma democrática, nosso posicionamento enquanto construímos as aprendizagens com os alunos.

Não é certo, sobretudo do ponto de vista democrático, que serei tão melhor professor quanto mais severo, mais frio, mais distante e “cinzento” me ponha nas minhas relações com os alunos, no trato dos objetos cognoscíveis que quero ensinar. (...) (FREIRE, 1996- P. 160)

Nesse sentido ser professor democrático é estar incessantemente almejando que os alunos sejam mais autônomos de suas próprias decisões, intermediados pela disponibilidade de conversação, reflexões e posicionamento individual.

Desde o início do estágio procurei ser comunicativa e utilizar o diálogo como instrumento esclarecedor e intermediador de aprendizagens e acredito que foi uma maneira conveniente, adequada e respeitosa com meus alunos. Nesse sentido, o relacionamento entre professor e aluno também deve ser baseado no respeito, em todos os seus sentidos. Um sentido que também atribuo ao respeito, é de que o docente deve considerar o conhecimento prévio e a bagagem cultural do aluno, disponibilizando meios de reflexão para que novas aprendizagens possam ser assimiladas.

O reconhecimento de uma relação professor x aluno, harmoniosa, cada um desempenhado sua parte, “ser professor”, “ser aluno”, faz com que a aula seja um momento de aprendizagens, e a sala de aula um espaço propagador de conhecimento.

É bem visível que o aluno que tem no professor a imagem de alguém perfeito e admirável, tenha maior prazer em freqüentar as aulas. Neste sentido, Piletti (1995, p. 250) contribui explicitando que: “Podemos sentir que o relacionamento entre os elementos de uma classe é bom quando vemos alunos alegres, bem humorados e seguros enquanto desenvolvem as atividades de aprendizagem”.

Nesse sentido, o reflexo da relação professor e aluno tanto podem ser observados em sala de aula, como também fora dela, quando anos mais tarde, os próprios alunos lembram de seus professores como pessoas carinhosas e que os ajudaram a perceber o ambiente escolar como um lugar acolhedor.

Nesse sentido, a relação professor x aluno deve se baseado no respeito mútuo, diálogo, afeto, bom senso, alegria. Toda esta relação é percebida na sala de aula, pois os alunos se sentem bem em ir para a escola, e o fruto disto, são aulas agradáveis, com muitas aprendizagens e alunos almejando um dia tornarem-se “professores”.

Espero ter colaborado com meus alunos, com uma relação prazerosa entre professora e alunos. Até hoje lembro de uma aluna que se referia a mim como “Sora linda” e tenho seus escritos de afetuosidade guardados comigo. Tornei-me

linda aos olhos da minha aluna não por minha aparência física, mas pela relação de afeto que estabeleci com ela. Alguns meses se passaram e meus alunos de estágio retornaram para a professora titular, no entanto, percebo que a Professora Daiane, “eu” continuo na lembrança dos meus alunos. Quase que diariamente encontro meus alunos e estes se encaminham a mim com um sorriso alegre, radiante, me ofertando beijos e abraços, e eu os recebo com o maior amor do mundo, pois devo a eles muitas aprendizagens, como também recursos para escrever com propriedade sobre tudo o que vivi juntamente com eles.

5 ESTÁGIO CURRICULAR: UMA EXPERIÊNCIA SIGNIFICATIVA

O estágio foi um momento de me apropriar de conhecimentos sobre a prática pedagógica.

Mesmo havendo estudado bastante sobre planejamento, prática pedagógica, currículo, entre outros durante o curso de Pedagogia, mediante a prática desenvolvida em aula, retornei algumas vezes ao que havia estudado, buscando nos materiais disponíveis no ambiente virtual ROODA/UFRGS, na Internet, em Bibliotecas, maneiras de conduzir melhor meu trabalho com os alunos.

Diante disso, e pela experiência que me foi proporcionada por meio do estágio, percebi que planejar aulas e desenvolvê-las com os alunos, não é receita de bolo. Para quem estiver lendo, pretendo, no decorrer deste capítulo, explicar a expressão “não é receita de bolo”.

Ao iniciar o estágio com dezoito alunos de 3º Ano do Ensino Fundamental, diante da inexperiência, pretendia contar com a ajuda da Professora Titular destes alunos, mas no primeiro dia, obtive a informação de que eles estariam sem professor, contando apenas com uma professora provisória, e que também não conhecia a turma. Neste momento, tive uma sensação de frio no estômago e um senso de responsabilidade ainda maior.

No início não foi nada fácil, conciliar a minha inexperiência com a ausência de professor titular e uma turma com dezoito alunos.

Sempre acreditei que empenho e esforço são meios de vencer obstáculos. Busquei me apropriar das idéias de Freire (1996), percebendo a realidade dos meus alunos, muito embora, apenas um aluno fosse desconhecido para mim. No entanto, mesmo conhecendo os familiares dos alunos, não deveria fazer um pré-julgamento, pois necessitaria conhecê-los dentro do convívio escolar.

Conhecer a realidade do aluno é percebê-lo em sala de aula, saber o que o motiva a vir para escola todos os dias e querer estudar.

Nos dois meses de estágio foram muitos os dias de conversação com meus alunos, tentando conhecê-los melhor. Na mesma oportunidade, conversava com os outros professores da escola, buscando por meio desta interação, ouvir suas experiências para que eu pudesse ligá-las a minha prática pedagógica.

Cabe aqui, voltar à afirmativa “receita de bolo” e assemelhá-la à prática pedagógica. Ao questionar meus colegas professores, gostaria que na época, eles

me dissessem como eu deveria agir em determinados casos. No entanto, descobri que não é desta forma que a prática deve ser refletida. A expressão “receita de bolo” a meu ver, enquadra todas as turmas, de todas as escolas, como sendo uma só receita, quando descobrimos que não, que cada aluno e cada turma são únicos.

Conforme FREIRE (1995) é preciso antes de qualquer coisa, saber quem são nossos alunos, pois o planejamento deve estar intimamente ligado a quem se destina.

A cada dia que o estágio ia passando, visualizava diferentes maneiras de propor atividades aos meus alunos de modo que eles pudessem ter interesse e se sentissem motivados a conhecer, aprender.

Percebendo que os alunos às vezes se agitavam um pouco em meio às aulas, comecei a refletir sobre uma maneira que os fizesse acalmar e assim eu pudesse intervir e a viver as aulas, de modo que juntos construíssemos o conhecimento.

A melhor maneira que encontrei para colocar minha prática em ação de uma forma que cativasse os alunos foi por meio das técnicas de ensino. Essas técnicas de ensino são consideradas por Piletti (1995) como modos de organizar a ação, e incentivar no aluno a aprendizagem.

Em muitos momentos questioneei minhas práticas, se estariam de acordo com a necessidade e o desejo do aluno em querer aprender. A utilização de livros didáticos parecia muito vaga e eu quase assemelhava à expressão “receita de bolo”. O Autor Dayrel (1996) contribui com minha afirmativa “receita de bolo”.

A homogeneização dos sujeitos como alunos corresponde à homogeneização da própria instituição escolar, compreendida como universal. Assim, será que podemos ensinar algo partindo do ponto de vista exclusivo do professor? Será que um livro didático leva em consideração as diferenças entre os alunos de uma sala de aula, de uma escola? (Dayrel, 1996-p. 139) 1

Pode parecer estranho a quem utiliza religiosamente um livro didático para aplicar suas aulas e ver que alguém não o faz. Neste sentido, diante de uma lista de conteúdos que os alunos da minha turma de 3º Ano deveriam ter no ano de 2010, procurei saber como os alunos percebiam isto na sociedade, mediante sua realidade.

De uma forma mais organizada, me apropriando do que os alunos necessitariam conhecer e de acordo com os conteúdos para o 3º Ano e verificando o Projeto Político da Escola, comecei a traçar objetivos, afinal “o que eu gostaria ou, o que os alunos teriam necessidade de saber?”.

Mediante algumas reflexões e auto-avaliação, percebi que a proposta de atividades para os meus alunos, deveria ter um ponto inicial: “o planejamento”. Com algumas considerações de GANDIN (1985), frisei “**b. No planejamento temos em mente que sua função é de tornar mais clara e precisa a ação, de organizar o que fazemos, de sintonizar idéias, realidade e recursos para tornar mais eficiente nossa ação**”. Quando não existe um planejamento estratégico, com objetivos bem definidos, nossa ação torna-se impotente, e por mais esforço que haja para chegar a um objetivo, este poderá não ser atingido.

Algumas vezes me senti, “nadando e ficando no mesmo lugar”, mas tinha certeza de que eu “não morreria na praia”. Enfim, precisaria de um planejamento que contornasse toda e qualquer dificuldade que houvesse em sala de aula.

Percebendo o meu esforço em dar aula, driblando algumas dificuldades que se interpunham em meu caminho, recebi orientações sobre minha turma por parte de minhas orientadoras de estágio, o que recebi com muito entusiasmo.

Ao perceber que meus alunos teriam algumas dificuldades quanto à convivência, comecei alguns trabalhos sobre o Amor e a Amizade, afinal, FREIRE (1996) nos orienta que “Ensinar exige querer bem aos educandos”. Neste sentido, meu objetivo era de que nossa turma estivesse mais unida e harmoniosa.

A partir disso, meus trabalhos estiveram focados em proporcionar momentos de reflexão sobre a amizade, motivando os alunos a contribuir com uma aula aberta ao diálogo. Porém, no meu entender, eu não poderia fazer atividades que de alguma forma não contribuíssem com meu aluno nas áreas de conhecimento. Ou seja, deveria planejar minhas aulas de uma maneira que envolvesse conhecimentos voltados à formação do aluno como cidadão, e que também o estimulassem a se envolver na proposta da aula.

Mediante a procura por aulas estimulantes, comecei a utilizar técnicas de ensino no meu planejamento. Uma técnica muito interessante que foi a que realizei com a utilização do espelho, cujo objetivo foi de que os alunos respeitassem as diferenças. Acredito que com as minhas próprias palavras “alunos, respeitem o que é diferente”, ou, “alunos, valorizem as diferenças”, não conseguiria atingir o objetivo proposto. Enfim, eu precisaria de algo mais que motivasse o aluno a participar e de repente pensar “o meu colega é diferente de mim, mas mesmo assim eu gosto dele”. Pode ser utopia, mas consegui grandes resultados, com os alunos percebendo as diferenças entre si, e não servindo de chacota. Segue relatos da atividade do espelho:

QUARTA-FEIRA

Dia do Desafio com atividades físicas que os alunos não costumam fazer todo dia. Desafio de matemática. Atividade envolvendo diferenças, individualidades e características dos alunos.

JUSTIFICATIVA

Buscar meios dos alunos interagirem aceitando as diferenças e individualidades.

OBJETIVO

Promover um meio de interação entre os alunos, bem como mediar à construção da identidade, respeito mútuo e aceitação do outro.

REFLEXÃO

Os alunos queriam muito participar do Dia do Desafio, então para aproveitar o interesse foi promovido o Desafio de Matemática. Ao descobrir que seria um desafio a resolução das atividades de matemática ficaram interessados, pois se sentiram desafiados em participar do desafio. Quanto à aula sobre identidade, os alunos ficaram extasiados com a proposta de uma aula diferente, com utilização de espelho, assim como em uma aula presencial no pólo de Três Cachoeiras fiquei impressionada com algo que fazia todos os dias (olhar no espelho), mas não dava o devido valor. Disponível em: <http://daianeestagio.pbworks.com/w/page/26700731/Plano-de-Aula-7ª-Semana>- acesso em: 29/11/2010. Ver anexo I

Diante da minha experiência do relato acima, posso afirmar que somente com a prática se pode refletir sobre ela para que se possa novamente planejá-la de acordo com a experiência anteriormente vivida.

A prática pedagógica se alicerça no planejamento, que deve ser flexível. A flexibilidade do planejamento é fator indispensável para que o professor possa adequar o plano à realidade, necessidade e interesse do aluno.

Durante o estágio de nove semanas, a palavra flexibilidade esteve muito presente no meu planejamento. Mas esta flexibilidade não pode interferir tão seriamente no planejamento. Certo dia, um aluno me disse: “professora, vamos olhar um filme hoje?”. Mas, “como olhar um filme hoje!”, pensei. Eu não havia

planejado nada daquilo para aquele dia, nem recursos havia. Então, a melhor maneira que percebi foi de planejar de acordo com o interesse deles, mas para outro dia não tão distante, afinal, o interesse deles seria imprescindível.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao realizar este trabalho, percebi como o meu estágio foi importante para que tivesse o interesse e considerasse a necessidade de pesquisar e querer descobrir mais sobre prática pedagógica e sua influência no interesse do aluno.

Em alguns momentos, parar para refletir sobre como o planejamento está engajado na prática e vice-versa, não é tempo perdido. O papel tão importante do professor e toda a sua didática podem estar se resumindo e não tendo avanços, pelo não investimento de tempo pelo docente, refletindo sobre o que pode ser mudado, ou que está dando certo com os alunos.

Percebendo que o planejamento por si só, ainda que considerasse a realidade, não asseguraria o interesse, participação e a motivação do aluno, comecei a utilizar alguns recursos a mais como introdução para a aula.

A utilização de meios e formas de motivação tem sido algo tão importante nas aulas, para nossos alunos que vivem em meio às novas tecnologias e as usufruem em suas casas ou em casas de amigos e parentes.

A prática pedagógica, pelo que vivenciei deve estar intimamente ligada ao conteúdo em suas áreas de conhecimento. No entanto, deve haver sintonia entre a realidade do aluno, a prática docente, o conhecimento e a necessidade e curiosidade do aluno em querer aprender.

No entanto, não é tão simples e tão fácil planejar, já que se trata de estar refletindo a cada nova aula, a possibilidade de mudanças na forma de abordar os conteúdos.

Diante da experiência com a minha turma de 3º Ano, presenciei que, sem motivação, tampouco os alunos se sujeitam a ouvir e interagir com o professor e com a proposta da aula.

O interesse do educando em querer participar da aula, propondo, discutindo, contribuindo, está intermediado com uma iniciação do professor, em mostrar tudo mais colorido, lúdico, com clareza e de forma objetiva do que se quer com aquilo que está sendo solicitado.

A motivação do aluno em realizar as atividades também está condicionada ao enunciado de uma atividade. Por experiência própria, concluo que, se o aluno tiver dúvida na hora de realizar uma atividade por não saber o que fazer, possivelmente terá dificuldades em realizá-la.

Portanto, a prática pedagógica requer do professor uma postura centrada na observação, desde o planejamento até a ação. Neste contexto, RODRIGUES (1985, p. 87), diz que:

(...) os professores são pessoas preparadas para o exercício da função educativa, sendo, portanto, capazes de pensar, propor e fazer. (...) os alunos são seres sociais que vivem uma experiência de vida, estando na escola para o exercício da cidadania: são pessoas capazes de pensar e fazer. Ora, essas considerações são importantes para que pensemos na necessidade de se garantir aos professores e alunos a utilização plena de sua capacidade de pensamento e de ação. O professor não pode assumir a postura de que o educando é incapaz de pensar e de criar, impedindo-o de exercitar essas atividades vitais e necessárias. 2

Esta forma de o autor mencionar em seu texto que, os professores são “capazes de pensar, propor e fazer”, enquanto que os alunos são “capazes de pensar e fazer”, acrescento que os alunos podem ser algo mais que isso, pois também podem “propor”. Obtive experiências maravilhosas em minhas práticas durante o estágio, em que os próprios alunos participaram propondo atividades e brincadeiras que lhes interessavam.

Sendo assim, a motivação e interesse do aluno somente se fazem possível com alunos atuantes, participativos e integrados a uma prática docente que respeite a realidade discente, bem como dando autonomia para criar, expor suas idéias, em meio a aulas mais atraentes, dinâmicas, enfim, “planejadas”.

2 RODRIGUES, N. Por uma nova escola: o transitório e o permanente na educação. São Paulo: Cortez, 1985.

REFERÊNCIAS

DAYRELL, Juarez. Múltiplos olhares sobre a educação e cultura. Belo Horizonte: UFMG, 1996.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Novo Dicionário da Língua Português/ Aurélio Buarque de Holanda Ferreira; coordenação Marina Baird Ferreira, Margarida dos Anjos. – 4. ed.-Curitiba: Ed. Positivo; 2009.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia. Saberes Necessários à Prática Educativa. 18ª Edição. 1996, Ed. Paz e Terra S/A

FUSARI, José Cerchi. O planejamento, do trabalho pedagógico: algumas indagações e tentativas de respostas. Disponível em http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias_08_p044-053_c.pdf. Acesso em 20/10/2010

GANDIN, D. Planejamento como prática educativa. São Paulo: Loyola, 1985.

HAMACHEK, D. E. Encontros com o self. Rio de Janeiro: Interamericana, 1979.

KNEVITZ, Daiane. Plano de aula. Disponível em: <http://daianeestagio.pbworks.com/w/page/26700731/Plano-de-Aula-7ª-Semana>-acesso em 29/11/2010.

LIBANEO, Jose Carlos. Didática. Coleção Magistério 2º Grau-Série Formação do Professor. São Paulo Cortez Editora 1987-1988

_____. Democratização da escola pública. São Paulo: Loyola, 1984.

MOREIRA, M. A. Pesquisa de ensino. O vê epistemológico de Gowiin. São Paulo: EPU, 1990.

PILETTI, Claudino - Didática Geral, São Paulo-Editora Ática S.A1995.

RODRIGUES, N. Por uma nova escola: o transitório e o permanente na educação. São Paulo: Cortez, 1985.

ANEXOS

Anexo I

Atividades com utilização do Espelho

